

ACESSIBILIDADE EM MUSEUS PARA DEFICIENTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL E NEUROLÓGICA – RELATO DE EXPERIÊNCIA DE VISITA AO MASP

Rodrigo Guimarães Motta – PUC-SP

Neusa Maria Bastos Fernandes dos Santos – PUC-SP

Leandro Pereira de Lacerda – PUC-SP

Este artigo é o relato de experiência de um portador de deficiência visual e neurológica, deficiências essas não-arentes, em sua visita a um dos mais tradicionais museus nacionais, o Museu de Arte de São Paulo (MASP). A partir do relato, pode-se observar que mesmo um museu conceituado não tem o preparo necessário, tanto físico quanto no que se refere ao treinamento de seus colaboradores, para oferecer uma experiência adequada para o portador de deficiência em geral e para o portador da deficiência descrita no relato em específico. Esta lacuna, no estudo realizado, é parcialmente coberta pela boa vontade e iniciativa dos próprios colaboradores. Recomenda-se que esse artigo seja complementado por outras pesquisas em museus do Brasil e que a partir de um diagnóstico robusto sejam pensadas políticas museológicas que permitam aos portadores de deficiência participarem integralmente da visita aos museus.

Palavras-chave: Museus; Portadores de deficiência; Relato de experiência.

1. Introdução

O tema deste trabalho é uma investigação acerca de iniciativas relevantes por parte de um dos principais museus do Brasil, o Museu de Arte de São Paulo, doravante MASP, com o objetivo de facilitar a experiência de pessoas com deficiência visual (parcial) e neurológica. Para tanto, este artigo será desenvolvido a partir do relato de experiência do autor, ele próprio possuidor das referidas deficiências, ocasionadas por dois acidentes vasculares cerebrais isquêmicos, doravante AVCs.

O museu, tal como entendido pela sociedade hoje, é um local voltado para a aquisição, conservação e pesquisa das peças que compõem o seu acervo e que abarcam os mais distintos tipos, e, ainda, voltado à difusão do conhecimento a elas inerentes, com um longo percurso histórico até chegar à configuração atual. E, é certo, muitas outras mudanças acontecerão nos próximos anos, para atender as diversas necessidades da sociedade contemporânea.

Para Baltazar (2004), a origem do museu remonta às musas, filhas de Zeus, o mais poderoso dos deuses gregos, como Mnemosine, a deusa da memória. Na Grécia Antiga, os templos dedicados às musas tinham ao seu lado espaços disponibilizados para exposição de peças valiosas. Com a ascensão de Roma, um Estado agressivo e conquistador, passaram a ser expostos, cada vez mais, os artefatos que eram frutos da conquista nas campanhas militares. Como é possível observar, nos exemplos sobre suas origens, o museu, desde sua concepção, prestou uma contribuição importante para o entendimento do mundo. No caso dos gregos, um reconhecimento ao divino presente em suas vidas; em Roma, para reafirmar a potência e o vigor de sua civilização. O papel desempenhado pelo museu, para a compreensão do mundo, irá permanecer nos séculos seguintes, até os dias atuais.

Na Idade Média, três locais vão se notabilizar pelos acervos constituídos: os palácios dos governantes, as igrejas, e os gabinetes de curiosidades dos mais ricos da sociedade. As coleções serviam para demonstrar a relevância e o poder das classes sociais dominantes: a realeza, a igreja e a nobreza (seguida pela burguesia). Na Idade Moderna, os museus, influenciados pelo Iluminismo, vão adquirir contorno mais próximo ao atual. Em um mundo em transformação, a necessidade de adquirir mais informação e conhecimento era necessária, e surgem os primeiros museus verdadeiramente abertos ao grande público e com essas características, como o Louvre.

No Brasil, de origem portuguesa, os museus começam a surgir no século XIX, e principalmente a partir do século XX, em um processo que não somente acompanha uma tendência histórica, mas também nacional, primeiramente após a independência de Portugal e, depois, com a proclamação da República. Nas últimas décadas, o que se observa é que os museus mais uma vez buscam se adaptar às novas necessidades sociais, para continuar a prestar relevante contribuição no que concerne à pesquisa e à informação da sociedade, em acelerado processo de transformação. Dessa forma, há, por exemplo, o surgimento de museus virtuais e a ampliação do acesso e serviços a pessoas portadoras de deficiência, objeto de estudo do presente artigo.

Segundo Martins (2013), foi a partir da década de 1980, e notadamente no início do século XXI, que os museus começaram a buscar maneiras para integrar as pessoas com deficiência, permitindo uma experiência mais enriquecedora para esse público, que até aquele momento era majoritariamente desconsiderado pelos museus, assim como por outras instituições. Por conseguinte, a ação dos museus passa a ser uma maneira de promover a inclusão social de pessoas com deficiência (VLACHOU e; ALVES, 2007; KIRST 2010; MARTINS, 2013). A literatura disponível apresenta uma série de iniciativas para promover a aproximação entre os museus e os portadores de deficiência, em especial os portadores de deficiência física (ROCHA, 2015) e visual (KASTRUP, 2010). Inclusive, em uma breve pesquisa pelas redes sociais é possível encontrar uma organização, como a “Museus Virtuais”, que busca, em parceria com museus e empresas, promover o livre acesso de pessoas com deficiência aos museus brasileiros.

Para explorar essa questão da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência aos museus, a seguir é apresentada com detalhes a metodologia utilizada neste artigo, a fim de compreender o quão efetiva, para o caso estudado, são as iniciativas desenvolvidas até o momento, a partir de um relato de experiência de uma visita realizada a um tradicional museu brasileiro. Em seguida, o próprio relato será apresentado. Por se tratar de uma vivência realizada pelo próprio autor e pesquisador, a partir deste ponto o estudo será apresentado em primeira pessoa.

2. Desenvolvimento

Uma vez que o objetivo deste artigo é compreender o quão efetivas são as iniciativas para promover a acessibilidade de pessoas com deficiência aos museus brasileiros, por se tratar de um tema muito amplo, devido à multiplicidade de museus e tipos de deficiência, foi necessário focar ainda mais a pesquisa. Assim, foi selecionado um museu, o MASP, museu amplamente conhecido no Brasil, e em muitos sentidos uma referência para pesquisadores e o público em geral, para ser estudado. Quanto ao tipo de deficiência que se buscou estudar e verificar como o MASP torna acessível seu trabalho ao público portador de deficiência, foi selecionada a deficiência do próprio autor que, após dois AVCs isquêmicos, é portador de deficiência visual (perda de 45% do campo visual esquerdo de ambos os olhos) e neurológica (perda parcial da memória episódica, que poderia ser chamada de “curto prazo” ou “de trabalho”).

Para poder realizar esta pesquisa, o método utilizado foi o relato de experiência (MARINHEIRO; SANCHEZ; ARCHANJO, 2015), no qual o pesquisador tem contato direto com o objeto de estudo, no caso os tipos de ação facilitadoras aos portadores de deficiência empreendidos pelo MASP. Desse modo, em junho de 2019, foi realizada uma visita ao museu, que estava naquele momento apresentando uma exposição sobre a obra completa de Tarsila do Amaral. A experiência vivida foi registrada e incluiu cada uma das etapas da visita: a aquisição do ingresso, a entrada no museu, a visita à exposição e a saída. Em cada uma das etapas, foram observadas as condições oferecidas para um portador desse tipo de deficiência. Em seguida, para explorar ainda mais o tema e tornar a pesquisa mais consistente, o

responsável por cada seção foi questionado sobre as práticas adotadas, ou adotadas e não efetuadas, ou, ainda, a inexistência delas, e os motivos de tal procedimento.

Com isso, espera-se ampliar o entendimento do acesso dos portadores de deficiência aos museus, ampliando a discussão para além das deficiências mais estudadas, como a deficiência visual (total) e a deficiência física, ao analisar como um dos principais museus brasileiros, o MASP, trata o portador de uma necessidade especial não aparente, nesse caso neurológica, fruto de AVCs. A seguir serão apresentados os resultados do relato de experiência.

Visitei o MASP no mês de junho de 2019, preparando-me para o evento. Levei o meu caderno de anotações, visto que possuo uma lacuna de memória episódica (sem explorar em demasia o tema, que não é o foco do trabalho, é uma deficiência de memória de curto prazo), e, assim, posso anotar cada etapa da visita e, ao reler posteriormente, lembrar o que foi visto e como foi a experiência.

Havia duas filas na bilheteria do museu: uma para pessoas com algum tipo de necessidade especial e outra para as demais pessoas. Na ausência de um funcionário designado pelo MASP para o direcionamento de pessoas para essas filas, e como minha deficiência não é aparente e não havia ninguém para quem eu pudesse explicar a situação, optei por ficar na fila das “demais pessoas” que, naquele momento, tinha 20 componentes. Ao chegar a minha vez de pagar, expliquei a deficiência visual para a responsável pelo caixa, pois tenho dificuldade em enxergar a máquina do cartão de débito. Ela assentiu e nada fez para auxiliar, mas também não reclamou pela minha demora em digitar a senha.

Uma vez efetuada essa primeira etapa, dirigi-me até a entrada e, após apresentar o ingresso, expliquei para o responsável que tinha deficiência visual não aparente e pedi para ser acompanhado durante a visita. Ele se mostrou compreensivo e chamou uma pessoa pelo rádio para me acompanhar. Esperei cerca de trinta minutos e como ninguém vinha até a entrada, questionei novamente a pessoa, que disse que não havia ninguém responsável pelo atendimento a portadores de deficiência, mas que estava procurando um dos monitores regulares para me acompanhar. Disse que o MASP carece de medidas adequadas para o atendimento aos diversos tipos de portadores de deficiência, e mencionou a inadequação do piso externo para a circulação de cadeirantes como um exemplo (o que é irregular). Finalmente, o monitor R. chegou, apresentou-se e entramos no MASP.

Perguntei a R. se ele possuía um folder sobre a exposição da obra de Tarsila do Amaral, para que eu não precisasse anotar os detalhes das obras expostas, visto que tenho deficiência de memória. Ele disse que não possuía. Continuou e disse que o MASP não tem uma estratégia desenvolvida para atender pessoas com deficiência, mas que os dirigentes da instituição estavam avaliando como fazer isso em futuro próximo.

R. me apresentou as primeiras obras, explicando detalhadamente não apenas sua descrição, como também o contexto em que cada uma havia sido feita. Relatou que fazia o mesmo tipo de atendimento para pessoas com deficiência visual mais acentuada, e que, assim como no meu caso, respondia a perguntas a partir das descrições feitas. Reforçou a falta de uma política específica, mesmo para o portador de deficiência visual, o que no seu entendimento era parcialmente solucionado pelas suas ações e pelas dos demais monitores. R. reforçou que tinha grande interesse em atender portadores de deficiência e que estava se especializando

nesse tipo de trabalho através de cursos e vivências práticas dentro do próprio MASP. Como ele demonstrava muito entusiasmo sobre o tema, pedi que falasse mais pausadamente, para eu poder anotar os pontos principais que estavam sendo colocados, caso contrário, em função do problema de memória, eu poderia esquecer o que estava sendo explicado. Novamente, ele se demonstrou empático, explicou tudo outra vez, de forma mais lenta, e esperou eu tomar as notas para avançarmos para as próximas salas onde as obras estavam sendo expostas.

Quando concluímos a visita, sempre dentro da mesma dinâmica, ele voluntariamente explicou como funcionavam os demais museus de São Paulo, ou pelo menos os que ele havia estudado ou visitado. De acordo com R., na maior parte dos museus, a falta de um atendimento específico para as pessoas com deficiência era a regra, ainda que alguns poucos museus oferecessem uma estrutura para o portador de deficiência mais adequada que a do MASP. Citou alguns exemplos, mas destacou que em sua maior parte eram iniciativas que deveriam ser melhoradas, como, por exemplo, um outro museu que estava preparado para atender portadores de deficiência auditiva, mas não os demais com outros tipos de deficiência. Encerrou destacando que já havia acompanhado outras pessoas com deficiência não aparente, e que eu não era um caso extraordinário, todos os dias, pelo menos uma pessoa com algum tipo de deficiência que não pode ser identificada de imediato, aparecia para visitar a exposição.

Agradei a atenção de R., que me acompanhou até a saída do museu, e me retirei. A seguir são apresentadas as considerações finais deste relato de experiência.

3. Considerações finais

Este trabalho buscou demonstrar, através de um relato de experiência, como um tradicional museu nacional, o MASP, atende os portadores de algum tipo de deficiência que o visitam. O autor, portador de uma deficiência não aparente, relatou sua própria experiência, visto que há diversos tipos de deficiência que podem ocorrer com o ser humano.

Durante a visita à exposição das obras de Tarsila do Amaral, pode ser constatado que não existe nenhum suporte dedicado e específico aos portadores de deficiência, quer seja ela aparente ou não, no MASP. Mais ainda, pouco ou nada é feito para propiciar uma experiência eficaz a qualquer tipo de portador de deficiências, mesmo aquelas mais conhecidas, como a visual ou de mobilidade.

O MASP supre parcialmente tal necessidade através do conhecimento e da boa vontade de seus monitores e do restante de sua equipe, que buscam, apesar das suas limitações técnicas e de suporte, atender da melhor forma esse tipo de visitante. Mesmo com esse esforço individual, ainda assim há brechas na visita, como a ausência de estrutura e treinamento adequado puderam demonstrar.

Este trabalho pode ser complementado no âmbito acadêmico com novos estudos qualitativos para diferentes museus nacionais, para realizar um diagnóstico mais amplo e estruturado da real situação dos museus brasileiros no que concerne ao atendimento de pessoas portadoras de

deficiência. Pelos relatos obtidos durante a visita, é possível que não exista, ou exista em quantidade insuficiente, museus que tenham um trabalho dedicado a esse público.

Outra linha de investigação que pode derivar deste primeiro trabalho é conhecer não somente as iniciativas em curso, empreendidas pelas instituições museais, como outras feitas por organizações da sociedade civil. Um diagnóstico mais amplo pode oferecer um ponto de partida para a reflexão e a elaboração de políticas públicas e organizacionais que promovam a inserção do portador de deficiência no ambiente museal, o que pode ser enriquecido com análises do que já é feito com sucesso em outros países e também no Brasil.

Quanto a essas políticas, deve-se ainda considerar que dado o aumento de consciência por parte da sociedade em relação às necessidades dos portadores de deficiência, esse é um momento propício para serem elaboradas e colocadas em ação. Conforme foi proposto, pode partir de iniciativas em outros museus dentro e fora do Brasil, como também de outros empreendimentos, públicos ou privados, que porventura se encontrem em estágio mais avançado no que concerne ao atendimento e à viabilização da experiência do portador de deficiência, ou melhor, dos diversos tipos possíveis de pessoas portadoras de deficiência.

4. Referências

BALTAZAR, A. Patrimônio cultural: técnicas de arquivamento e introdução a museologia. Batatais: Claretiano, 2014.

KASTRUP, V. Experiência estética para uma aprendizagem inventiva: notas sobre a acessibilidade de pessoas cegas a museus. Informática na educação: teoria e prática. Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 38-45, 2010.

KIRST, A. C. As aprendizagens do público com deficiência visual: uma experiência de diálogo com a arte contemporânea. Dissertação (Mestrado em artes visuais) - UDESC, Florianópolis, 2010.

MARINHEIRO, C. A.; SANCHES, E. L.; ARCHANJO, R. M. Metodologia da pesquisa científica. Batatais: Claretiano, 2015.

MARTINS, P. R. A inclusão social tem influência nas práticas museais? O acesso dos públicos com deficiência. Mídas, Évora, v. 2, p.1-11, 2013.

MUSEUS ACESSÍVEIS. Disponível em: <http://www.museusacessiveis.com.br/>. Acesso em: 15 jun. 2019.

ROCHA, N. J. S. Acessibilidade aos museus: um caminho para a inclusão social. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.

VLACHOU, M.; ALVES, F. Acessibilidade em museus. In: BARRIGA, S.; SILVA, S. G. (orgs.). Serviços Educativos na Cultura. Col. Públicos, Porto: Sete Pés; 2007, p. 98-102.